

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Uma Cinemateca em Chamas - Histórias de Projeção e Projeccionistas
23 de Janeiro de 2026

O AMOR É ISSO / 2024

Um filme de Nuno Mendonça

Realização: Nuno Mendonça / Som: Rodrigo Queirós / Com: João Vladimiro, Ana Simões Almeida.

Produzido no âmbito do programa A Nebulosa / Cópia digital (DCP), colorida, falada em português / Duração: 4 minutos / Inédito comercialmente.

COMO ME APAIXONEI POR EVA RAS = KAKO SAM SE ZALJUBIO U EVU RAS / 2016

Um filme de André Gil Mata

Realização, Argumento e Fotografia: André Gil Mata / Som: Pedro Augusto e Aida Kadric / Montagem: Tomás Baltazar / Com: Sena Mujanovic

Produção: C.R.I.M. / Produtoras: Joana Ferreira e Kumana Novakova / Cópia digital (DCP), colorida, falada em bósnio com legendagem eletrónica em português / Duração: 74 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Com a presença de Nuno Mendonça e André Gil Mata

Com os seus quatro minutos, **O Amor É Isso** é uma pequena miniatura que deambula entre o interior escuro de uma cabina de projecção (o projeccionista introspectivo é João Vladimiro, ele próprio cineasta) e espaços “lá fora”, jardins e peças de estatuária pública onde há outra luz e outro céu. Já usámos, na primeira frase, as duas palavras-chave: projecção, introspecção. Movimentos aparentemente contraditórios, para fora, para dentro. Mas se o título diz que “o amor é isso”, provavelmente é o cinema, ele mesmo, que também “é isso”. Resta dizer que **O Amor É Isso** é um filme de algum modo “laboratorial”, nascido de uma oficina – A Nebulosa – que a partir de um programa de formação no trabalho com a película de 16mm gerou um total de nove filmes – este e mais oito.

Como Me Apaixonei Por Eva Ras, de André Gil Mata, também tem uma origem algo laboratorial, mesmo se depois se autonomize dela. Parte do tempo em que o realizador frequentou uma escola de cinema em Sarajevo, cidade em que o filme foi rodado, e cidade onde vive a sua protagonista, Sena, mulher que faz de uma cabina de projecção a sua casa, e que portanto vive na própria projecção. De certa forma, mais do que sobre a projecção, trata-se de um filme sobre o “cinema projectado”. Os muitos planos, que constituem a ossatura essencial do filme, em que a câmara de Gil Mata capta, de variados ângulos, o efeito “paisagístico” da projecção de um filme no ecrã de uma sala

de cinema – se vários excertos de filmes são mostrados, eles são sempre dados neste reenquadramento, nunca é portanto “só o filme”, é o “filme em projecção”. A Eva Ras do título, que aparece em muitos desses excertos (ou mesmo em todos), é uma atriz de origem sérvia que foi muito popular no cinema da Jugoslávia nas décadas de 1960, 1970 e 1980, em filmes de vários dos mais conhecidos realizadores jugoslavos desse período, de Dusan Makavejev e Dragan Nikolic a Emir Kusturica (autor do filme com Eva Ras que será mais conhecido dos espectadores portugueses, **O Pai Foi em Viagem de Negócios**). Nesse aspecto, o filme é uma pequena introdução a uma “história do cinema jugoslavo” contada por ele próprio, pelos seus filmes e pelas suas imagens, sempre sem nenhum comentário ou contexto. O comentário e o contexto, relacionando a “história do cinema jugoslavo” com uma “história da Jugoslávia”, e especialmente com uma história da Bósnia-Herzegovina, e com o relato de uma experiência pessoal de vida dentro dessa história, esse comentário e contexto, dizíamos, aparecem em fragmentos, lampejos, nas cenas de diálogo ou monólogo em que a projeccionista Sana, entre afazeres domésticos puxa pelas suas memórias.

Luís Miguel Oliveira